

A ARTE NA APROXIMAÇÃO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

João Maurício Silva Novais*

A Arte é a criação ou a eleição de obras diversas com intenção estética. A Arte forma, informa; diverte, adverte; atrai e distrai atenção humana, recriando e completando o mundo com novos sons, imagens, sabores ou aromas.¹

Resumo: O presente artigo objetiva demonstrar como a Arte pode contribuir na interação entre culturas. Analisaremos, também, o desempenho da Arte nestas relações através de pesquisas bibliográficas sobre o seu contexto geral. Para tanto, buscaremos um maior acesso às recentes informações sobre o conhecimento teórico de modo a pensar a Arte como um objeto catalisador junto às relações internacionais. As conclusões aqui emanadas foram estabelecidas a partir do entendimento de que a Arte, num movimento globalizado, se apodera de forma lógica entre as ideias, como princípios desenvolvidos nas transações mundiais.

Palavras-chave: Arte. Relações internacionais. Cultura. Movimento Globalizado.

Abstract: This paper aims to show how Art contributes to the world of interaction between cultures. In addition, we analyze the performance of the Art to suit these relationships through bibliographic researches on its context. To allow greater accessibility and efficiency on the latest information – collected from theoretical knowledge in order to think of Art as a catalyst object to the international relationship. In this way, we can enrich the matter by adopting literature searches, from informational tools such as books and articles that allow this process of investigation and to facilitate improvement of its knowledge. The conclusions here drawn were established on the understanding that Art, in a globalized movement, seizes logically between ideas and principles developed in global transactions.

Keywords: Art. International Relations. Culture. Globalized Movement.

1 Um novo olhar sobre a Arte nas relações internacionais

Tomamos de início temas referentes ao campo da Arte como forma de aproximar e informar suas manifestações nas relações internacionais. Estarão presentes os assuntos em foco, a problemática a ser tratada e a sua justificativa. Assim, algumas provocações são necessárias, como: de que modo a Arte, como forma de conhecimento, pode promover aproximações e informações entre as relações internacionais?

¹ Informação Verbal fornecida pelo Prof. Guilherme Albagli de Almeida na disciplina História da Arte (LTA-001), Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2012.

* Discente do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Ilhéus, Bahia, Brasil. E-mail: jomaurinovais@gmail.com. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/3253435869329138>

Este artigo objetiva demonstrar como a Arte pode contribuir, no contexto das relações internacionais, para a aproximação e troca de informações entre culturas. Como objetivos específicos, analisaremos o desempenho da Arte como objeto de estudo e a forma à qual esta se adequa às relações internacionais. Ainda, buscaremos novas informações sobre o contexto e conhecimento que enriqueçam o objeto pesquisado, podendo permitir um maior acesso às recentes informações referentes à questão de pensar a Arte como objeto catalizador.

O caráter exploratório e descritivo que leva a um maior conhecimento sobre a cultura da Arte e a sua interação no mundo nas relações internacionais foi realizado por meio da citada revisão bibliográfica, de pesquisa documental e de análises qualitativas, através de consultas realizadas em textos nacionais e internacionais.

A Arte está presente no cotidiano de toda a Humanidade através de um amplo leque de linguagens. Por isto, ressaltamos a sua importância como objeto de criação e de transformação, em qualquer patamar em que esta esteja inserida.

Como uma forma de conhecimento, a Arte pode contribuir para diferentes ideias e interações de mundo, traduzindo em criação e podendo ainda aproximar culturas diversas. Desse modo, a Arte favorece as questões políticas e culturais relacionadas com as transações internacionais, aproximando tanto as relações comerciais quanto culturais.

Conforme o problema enfocado, tomaremos como hipótese o fato de que o maior objetivo seria que a Arte, na sua maneira abrangente e como valioso instrumento de conhecimento e informação, passasse a fazer parte das relações internacionais como uma base de aproximação e como um objeto transformador, seja numa organização mundial – terceiro mundista – ou de primeiro mundo. Nesse contexto internacional e num ambiente cada vez mais complexo, a Arte é, e sempre será transformadora. A Arte tem conseguido permutar como objeto de aproximação e conhecimento entre culturas até então desconhecidas em outras épocas, mas com interação em pontos comuns, até como chave de abertura nestas relações.

Para isto, é interessante adotar padrões de busca de informações, sejam elas remotas ou atuais, que levem o leitor ao conhecimento da Arte como elemento nas suas manifestações mundiais e que esta tenha elevado efeito como elementos enriquecedores sejam quais forem as mediações.

É muito importante permitir um melhor acesso à função da arte como cultura integralizadora e isso pode ser realizado pelos meios intelectuais, incluindo entidades educacionais.

Justificamos, pois, o presente estudo como forma de aproximação e informação sobre a Arte junto às relações internacionais. Esta é a maneira de ver a Arte como objeto de aproximação de um mundo globalizado com culturas diversas.

Este movimento globalizado em que hoje nos encontramos necessita de novas ferramentas que auxiliem nesta mediação. Neste contexto, a arte se insere como ferramenta eficaz, com medidas necessárias, requeridas e aplicadas para atingir um objetivo direto com mais interatividade. À medida que a informação tem avançado e a pressão nas relações de adaptação têm forçado inovações dentro do contexto das organizações mundiais para propiciar uma interação social, a arte vem favorecendo também as questões políticas relacionadas às transações internacionais, aproximando as relações comerciais e culturais.

Pensando assim, a Arte, no seu sentido amplo, seja em forma de música, dança, canto, teatro, moda, pintura, artesanato ou de muitas outras formas de expressão, perpassa por uma problemática da diversidade cultural, que ainda é mais observável, e que abrange um campo que deve ser refletido diante das obrigações culturais, entre as nações, como novo horizonte normativo.

Determinar a sua função seria uma tarefa difícil, principalmente nas relações internacionais, como uma possibilidade de exercer aproximação pragmática nestas relações. Contudo, neste momento histórico, a Arte vem adquirindo gradativa relevância, como temática de informação no contexto mundial e tornando-se ferramenta importante para as universidades que estudam temas relacionados a negócios e relações internacionais.

Grandes nações, por seus haveres políticos e por afinidade nas suas transações internacionais, também utilizam da Arte como objeto de aproximação, seja ela comercial ou amadora. Portanto, é importante pensar na Arte como tema de estudo e pesquisa a ser integrada nas disciplinas de comércio, relações e negociações internacionais nas universidades. Sugere-se, ainda, adequá-la como cultura permanente e instrumental que auxilie tal mediação.

Diante do exposto até o momento, as manifestações artísticas no contexto internacional se apresentam não só como um mediador, mas, também, como um possível facilitador entre as culturas.

O que procuramos discutir é a fundamentação teórica voltada para o tema da Arte enquanto promotora de aproximações e consequentes informações junto às relações internacionais e a sua relevância para o momento histórico.

Estabelecemos, assim, as conexões entre trabalhos publicados e apresentados atualmente; também tomamos como referências bibliográficas e artigos relacionados ao tema em foco, identificando as contribuições e os novos elementos estudados.

Ao tomar a Arte como informação, pode-se encontrar um campo de extrema riqueza informacional a se requerer “[...] a própria Arte (as obras, os objetos, as manifestações artísticas), a documentação da arte e a documentação sobre arte” (ALMEIDA, 1998, p. 5), ou seja, “[...] os discursos da Arte e sobre a Arte” (LIMA, 2003, p. 19); até como demanda de grande atenção como Ciência da Informação, devido à sua necessária análise, disseminação, tratamento e expansão, que impulsionam no campo informacional.

Nas relações internacionais a Arte pode ser também um grande foco para análise de interação entre as relações de diversas culturas. Assim sendo, a Arte, como cultura permanente entre as relações internacionais, através dos meios globalizados, adéqua-se a novas ferramentas que, enquanto cultura, é um campo de grande enfrentamento do século diante de conflitos sociais e políticos sucessivos.

2 Evolução do mercado da Arte no Brasil

A evolução do mercado artístico no Brasil tem encontrado terreno próspero para aproximações e comunicações no que tangem às suas relações com instituições e grupos estrangeiros. Ao citar uma reportagem publicada na *Financial Times*, a revista online *Opinião e Notícia* (6 de outubro de 2015) afirma que no ano de 2015 foi traçado o perfil de uma nova geração de colecionadores de arte brasileiros. Segundo o texto, tais colecionadores vêm ganhando destaque no cenário mundial nas últimas duas décadas, e têm tirado proveito de uma tradição de produzir uma Arte sofisticada e original em um país que somente se estabilizou economicamente na segunda metade da década de 1990. Ainda afirma que, embora os colecionadores de hoje possam pagar por Arte o mesmo que pagam europeus e americanos, eles preferem tratá-la como “uma missão superior”, não como um investimento. Ainda, conforme informações da revista, eles valorizam a História da Arte brasileira e latino-

americana, mas também lutam contra as taxas de importação e a burocracia para ter obras europeias e americanas em suas casas, escritórios e galerias de exposições.

A revista afirma ainda que as feiras de arte, como a SP-Arte, ajudaram a tornar a expandir o mercado das artes no Brasil, e que na última década essas feiras tornaram mais fácil para brasileiros adquirirem obras estrangeiras livres de impostos e da burocracia. Por exemplo, a SP-Arte, com ocorrência anual, já tem 40% de suas galerias ocupadas por artistas estrangeiros.

Constata-se que as feiras de arte têm sido um elemento crucial de oportunidade às relações internacionais e têm sido um importante elemento de transformação. Muitas das galerias estrangeiras participam gerando, cada vez mais, intercâmbios culturais. Desse modo, fica claro que a Arte, nas suas manifestações, pode contribuir de forma positiva no contexto a que se propõe esta presente argumentação, apontando possibilidades para que as empresas busquem caminhos que enriqueçam as suas atividades locais e internacionais.

3 Acordos bilaterais de cooperação cultural

É importante que os acordos bilaterais entre os estados aconteçam em comum acordo para que haja uma cooperação cultural efetiva porque quanto à relevância neste assunto e o interesse em se ampliar o campo cultural da Arte, é necessário que tais relações aconteçam com mais frequência entre os países.

É importante considerar o quanto a Arte, em sua relevância, também se apresenta como fator de grande cooperação cultural, não só aproximando culturas, mas também favorecendo os vários acordos bilaterais.

Segundo Pinheiro (2008, p. 90), “a origem da informação em Arte no Brasil data dos anos 1980 e apresenta dois eixos: um operacional, outro teórico”. Um decorrente da tecnologia, centrado na automação de acervos museológicos; o teórico, constituído de estudos sobre a representação desses acervos e a organização do conhecimento.

Um grande exemplo é o intercâmbio cultural entre Brasil e China que ganhou nova vitalidade nas relações bilaterais. Representantes dos dois países assinaram um documento que prevê diversas ações de cooperação cultural.

Um Secretário Executivo de Cultura do Brasil, João Brant, citou a abrangência da cultura como um motivador para alavancar o desenvolvimento nacional. De acordo com Leite

NOVAIS, J. M. S. A arte na aproximação das relações internacionais. C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA, n. 5, p. 53-69, Ilhéus – BA, nov. 2016.

(2015, on-line), o ex-secretário-executivo do MinC, João Brant, citou que "tanto o Brasil quanto a China são potências culturais. Vamos trabalhar para tirar ainda mais proveito dessa riqueza cultural em prol do desenvolvimento dos países".

O Vice-Ministro Dong Wei indicou que as relações entre a China e o Brasil estão "em ótima fase da história". Segundo Leite (2015, on-line), Dong Wei disse ainda: "É com muito prazer que estamos nessa missão. Certamente é um caminho para ampliarmos nosso conhecimento e, então, aumentarmos nossa troca em termos de indústria cultural". Fica intrínseco o quanto é interessante esta aproximação cultural entre nações para contribuir no aprofundamento do conhecimento mútuo entre os povos.

Muitos acordos bilaterais como este aconteceram e acontecem como forma de coordenar a negociação e implementação dos instrumentos jurídicos bilaterais que objetivam aproximar as culturas daqueles países. A assinatura de acordos bilaterais culturais propõe, entre atividades conjuntas, o intercâmbio de culturas diferentes entre nações e para a divulgação de suas artes.

4 Arte e cultura

A História da Arte a apresenta a um só tempo como integrante e como grande catalizadora da cultura, em geral, resgatando artistas esquecidos pela história ou até que nunca haviam sido apresentados como protagonistas. Segundo Albagli, a Arte "[...] ocupa-se das técnicas, formas e elementos da vida e obra dos artistas e de pessoas ligadas ao meio artístico [...]" (ALBAGLI DE ALMEIDA, 2015, p. 86). Essa realidade termina por favorecer as relações internacionais.

De acordo com Calábria (2003, p. 49), "lá, no meio de manuscritos e livros raríssimos, achava-se um [...] conjunto de 43 admiráveis aquarelas [...], pois se tratava de obras do século XVIII, século mísero para a iconografia brasileira". O autor e embaixador cita, ainda, Nova York em 1946, quando no fim de sua estada nos Estados Unidos encontrou obras de arte de um pintor desconhecido que acabaram passando a ser de interesse do Itamaraty, e que não havia verba para resgatá-las, na época, mas acabaram por movimentar o imediato interesse de outras pessoas, ao descrever as aquarelas.

Sobre as obras em questão, foi-se descobrir, mais tarde, por conclusão, depois de ter visto, em Portugal, que se trata de trabalhos do sargento-mor/capitão Carlos Julião, bem como

NOVAIS, J. M. S. A arte na aproximação das relações internacionais. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 53-69, Ilhéus – BA, nov. 2016.

reproduções trazidas em catálogos de exposições, em que apareciam outras obras desse engenhoso mercenário, sempre a serviço da Corte de Lisboa em vários continentes.

Em outra passagem, na sua obra, *Calábria* (2003, p.49) relata sobre quase uma mesma situação que envolvia o mesmo pintor:

Em janeiro de 1999, a Sotheby's de Nova York pôs à venda dois quadros a óleo, bastante grandes, representando figuras de Lisboa, do Rio de Janeiro e Angola. Desta vez, fiquei eu feliz em poder atribuir, a pedido da Sotheby's, a autoria desses quadros ao capitão Julião, e me alegrei bastante ao perceber quão bem guardadas estavam na minha memória às figurinhas que apenas vira com o livreiro Kraus, em Nova York, há mais de cinquenta anos (*CABRÁLIA*, 2003, p. 50).

Com estes eventos, é importante colocar o quanto a Arte teve e tem o seu valor, principalmente em questões diplomáticas, até o ponto de rebuscar arquivos de outras épocas para que possa fazer parte da história atual de uma nação, neste caso a Europa, América do Sul e África.

Em seu artigo “Dança Contemporânea: Percepção, Contradição e Aproximação”, Souza (2013, p. 1014-1015) trata a Arte como um fazer humano e, desde muito cedo, podemos perceber a necessidade que o homem tem de se expressar.

Durante o processo de transformação que a sociedade foi passando, ao longo dos anos, em diferentes momentos históricos e sob a influência de novas formas de organização social, assim como das outras artes, em geral, a dança foi se reencontrando e construindo diferentes maneiras de se expressar e de se colocar no mundo.

Por esta parte, vale a pena salientar como são importantes os colecionadores e pintores, as companhias de dança, os diretores de peças teatrais e ainda assim pequenos seguimentos, como os artesanais, como matrizes das manifestações da arte, no geral.

A partir de sua introdução em outras determinadas culturas, a Arte tem criado dependência e curiosidade quanto àquela cultura-matriz.

Apesar dos livros de história da dança, em sua maioria, apresentarem uma ilustração linear da trajetória da dança nos períodos históricos, gostaria de ressaltar que as transformações nas concepções estéticas de se pensar e produzir a dança, ou a Arte, em geral, é um contínuo processo dialético. Pois nenhum movimento artístico exclui o outro, já que todos estão presentes nas sociedades, até hoje, mesmo que no plano museológico ou colecionista.

Com esta mesma retórica, José (2011, p. 3), quer dizer que “esses ciclos evolutivos e históricos crescem em forma de espiral, não havendo quebras e rompimentos abruptos, mas sim lentas transformações processuais”.

Estas memórias da marcante trajetória da Arte testemunham seu tempo como grande protagonista que certamente provoca o fascínio das histórias importantes. Uma trajetória que percorre os mundos conectando-os e até, às vezes, afastando-os de certa maneira que leva a pensar qual realmente é, e foi importante o seu papel no mundo.

Pensando desta forma, ficou clara a ideia trazida por outros autores para pontuar, através de seus estudos e suas opiniões acerca da temática da Arte, quão importante é a introdução da mesma entre as relações internacionais e quais são suas formas de manifestar-se dentro deste campo de tão grande abrangência e que se mostra tão necessário quanto qualquer outro setor, como a Educação, Ciência, Economia e Política.

5 O que a Arte favorece nas suas manifestações

Onde o barco se condena ao mar e a ave ao vento. Onde nos olhos as horas da oficina do homem. Onde no parque a pedra do dedo a palavra do livro o segredo dividido. Onde por onde levados indo unidos feitos o pouco no muito (CALÁBRIA, 2003, p. 49).

Com esta citação de Cabrália (2003), pontuamos o que vínhamos tentando mostrar já nos capítulos anteriores, que amarra ainda mais a ideia de como a Arte também se firmou no berço de muitas culturas. Estas culturas se fizeram conhecidas devido ao potencial artístico e cultural carregado de momentos históricos.

Buscaremos expor a Arte em toda a sua essência, mostrando o voo em favorecimento que tem ela no seu segmento. Até onde pode alcançar e o que provoca na sociedade, no geral, seja na forma de conhecimento humano, artístico, intelectual, internacional e empresarial (CALÁBRIA, 2003).

Desde a Pré História, a Arte vem sendo difundida e causando admiração, seja qual for o vetor em que ela é aplicada ou de que maneira seja vista. Cabe compreender de que forma a Arte se manifesta e como esta interage com este mundo. Também, é importante perceber qual a história que conta esta arte; de onde veio, como foi feita, quais os elementos utilizados.

A diversidade cultural é uma realidade, assim como gestões culturais que, mesmo longe de revelar consenso e homogeneidade, nos remetem ao campo das ambiguidades e contradições com que pensamos e nomeamos nossa Arte e nossos modos de geri-la.

Quando falamos em atividade cultural, nos referimos a modelos normativos diversos que não apenas ordenam a produção e as trocas simbólicas no campo estético, mas que se referem às maneiras como se definem as formas de circulação, apropriação e mercantilização de processos culturais, no que se refere à Arte.

O exemplo na tabela abaixo poderá deixar mais claro como o Brasil, no período indicado no ano de 2007, se manteve mais presente em alguns dos eixos culturais, mas também quanto a alguns destes eixos não obtiveram um melhor desempenho. Estes foram os dados mais recentes, coletados sobre o enfoque cultural, em geral.

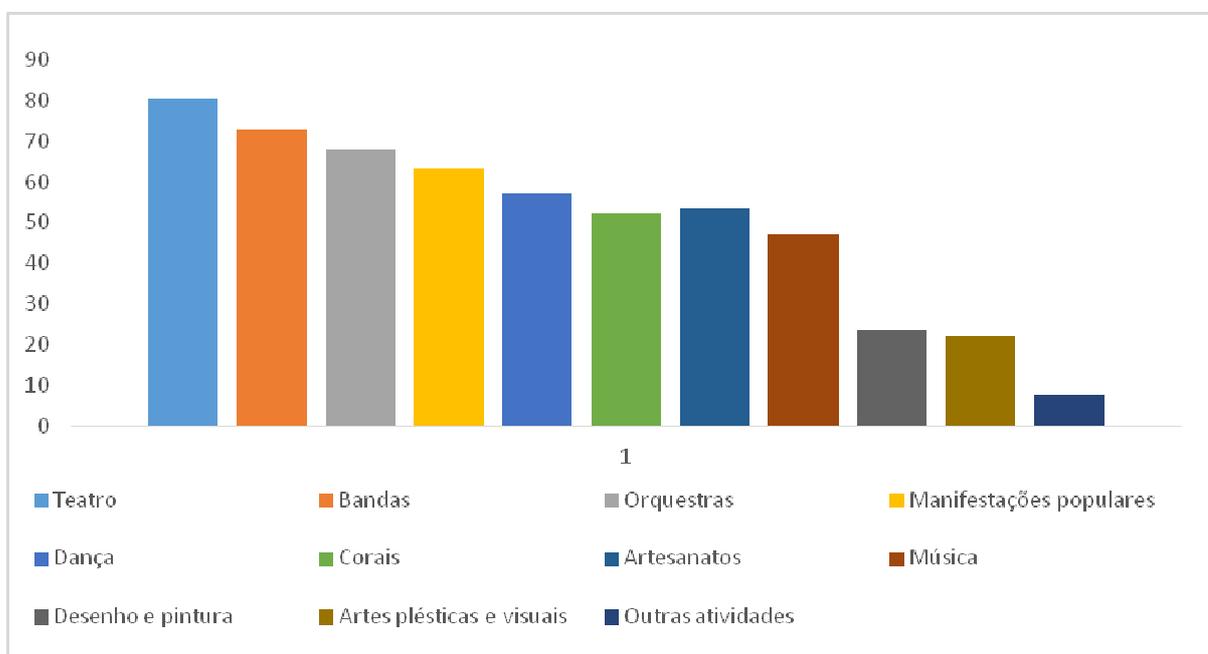
Tabela 1: As áreas nas quais o poder público brasileiro está mais presente, fazendo o maior investimento percentual (%), no ano de 2007:

Áreas	%
Teatro	80,5
Bandas	72,9
Orquestras	68,0
Manifestações populares	63,0
Dança	57,2
Corais	52,2
Artesanatos	53,3
Música	47,2
Desenho e pintura	23,5
Artes plásticas e visuais	22,2
Outras atividades	7,5

Fonte: IBGE 2007.

O que podemos observar na tabela acima é um quadro de apoio governamental distinto em áreas artísticas também distintas, onde as artes plásticas e visuais tiveram menor êxito neste período, acompanhado de desenho e pintura, enquanto que teatro, bandas e danças tiveram apresentação com maior êxito no índice de presença nesta época.

Gráfico 1: As áreas nas quais o poder público brasileiro está mais presente, fazendo o maior investimento em porcentagem (%), no ano de 2007



Fonte: IBGE 2007.

Os índices do IBGE (2007) apontaram para a presença de uma diversidade artística significativa no ano, chamando a atenção para a presença das manifestações tradicionais populares. Estas, junto ao artesanato, costumam se difundir com facilidade, mesmo no campo da informalidade e, se por um lado, normalmente não são constituídas juridicamente, por outro, as manifestações tradicionais têm forte presença nacional.

A internacionalização é primordial, pois aproxima culturas, sendo possível você conhecer outra cultura sem ao menos ter saído do seu próprio país. Isto torna um elemento saudável de se entender, quando se sente transportado àquela outra cultura.

Na década de 1950, o segundo pós-guerra trouxe um novo interesse internacional pelas pinturas abstratas, fossem elas informais ou geométricas. O mundo posterior à bomba atômica levou a outro capítulo da Arte – o Pós-Modernismo –, e a outros olhos para sua contemplação. A Arte tornou-se, então, entre outras coisas, no abrigo do gesto expressivo ou a concretização cromática da ideia. O Brasil não ficou imune a essa tendência, e sua pintura possui exemplos significativos deste atual período, tanto na poesia do traçado como na dramaticidade dos traços.

As obras expostas datadas a partir de 1960 se revestem de caráter especial, pois este é o momento da criação da Faculdade de Artes Plásticas, onde ocorreu a formação de muitos

dos artistas ora atuantes. Apesar da preponderância das manifestações da Arte Conceitual ativa nas décadas de 1970 e 1980, assim como das possibilidades oferecidas pelos novos meios eletrônicos, muitos dos artistas ao redor do mundo continuava acreditando firmemente na permanência dos meios tradicionais de Arte.

Outro fator muito importante é a participação do Estado neste elemento, como forma de alavancar os talentos existentes naquela sociedade. O papel das embaixadas, consulados, chancelarias, além de outros meios; os museus, as salas de exposições, os teatros, como suporte na apresentação desta arte para o mundo.

Segundo Sousa (2016), paulatinamente, essa miríade de expressões passou a ser reconhecida como sendo “Arte”. Para outros autores, este conceito abraça toda e qualquer manifestação que pretenda ou permita nos revelar a forma do homem encarar o mundo que o cerca.

As artes, de um modo geral (incluindo Arquitetura, Literatura, Música, Dança, Cinema, Fotografia, Teatro), e as artes plásticas (Escultura, Pintura, Desenho), de modo especial, referem-se ao desenvolvimento de formas simbólicas, algo que vem sendo praticado pelos seres humanos desde a idade mais remota.

Se colocarmos que a permanência da Arte é um tema válido de debate, caberia, então, fechar a questão com a ideia permanente desta necessidade que existe entre comunicação e permanência desses recursos considerados atemporais que fazem com que não aconteçam estes intercâmbios culturais.

6 Qual a tônica do artista para se internacionalizar e eternizar?

Nesse capítulo, procurarei, de forma sucinta, observar o papel do artista como agente transformador e catalizador que busca informar e manifestar a sua arte, para que a torne globalizada e podendo, conseqüentemente, internalizá-la, fazendo com que o seu público a aproprie ao seu cotidiano.

Vale colocar aqui, mais uma vez, a arte de Joan Miró, como o próprio escritor e diplomata, na sua época, João Cabral de Melo Neto (2003), colocou que o artista tem uma obra “admirável e pictórica”.

Em setembro de 1949, na França, o diplomata Mário Calábria visitava o então também diplomata, Carlos Martins Pereira e Sousa, em sua residência em Paris. Lá, o maestro Villa-

NOVAIS, J. M. S. A arte na aproximação das relações internacionais. *C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA*, n. 5, p. 53-69, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Lobos, além de sua esposa e outros convidados para um jantar, imortalizou a sua mais conhecida obra, muito atual desde então.

Dessa maneira, nasceu a *marcha nupcial*, pedida por Nora (filha do anfitrião), e registrada no catálogo geral das obras de Villa-Lobos como *Cortejo Nupcial* em estado de genialidade. No catálogo das obras, pode-se perceber que o Cortejo foi executado “pela primeira vez em Paris, em 1949 [...] orquestra com órgão [...] encomendada pelo embaixador Carlos Martins para a marcha nupcial de sua filha e, a esta, dedicado [...] localizado apenas o autógrafo [...]”. E, vale a pena afirmar, uma obra eternizada até os tempos atuais (CALABRIA, 2003, p.90).

Lothar-Günther Buchheim, por cuja galeria passou importantes obras do expressionismo, várias das quais guardou para si mesmo, na sua extraordinária coleção, que já foi disputada por vários museus, é também conhecido escritor (seu principal livro, *O Submarino*, foi traduzido em vários idiomas, e filmado, com grande êxito de bilheteria), pintor de aquarelas e desenhos, autor de várias obras sobre o expressionismo e artistas expressionistas. Na sua imensa coleção há quadros a óleo, aquarelas, desenhos gráficos, máscaras africanas e da Oceania, arte popular mexicana, vasos Gallé, etc. O que leva a narrar essa deferência a Buchheim é porque estas memórias tratam, também, de uma figura extraordinária da cultura alemã.

Calábria (2003, p. 90-91), apresentou, ainda, a figura de Georg Sprengel, moldureiro de Frankfurt, com trabalhos que continham qualidades artísticas reconhecidas, os museus o procuravam para execução de serviços de muita importância. Sprengel conhecia também, com olhos seguros, a iconografia brasileira, bem como as obras de Lasar Segall, e possuía alguns objetos brasonados do nosso Império. Georg Sprengel, com toda a sua bagagem artística, pediu visto, pois desejava emigrar para São Paulo, e por suas qualidades eminentes foi de excepcional utilidade no Brasil, fazendo trabalhos pontuais que marcaram o nosso país.

Já conhecido em São Paulo, Sprengel, no seu segundo dia, foi levado para a reforma de dois quadros de Boucher, de posse de um milionário. Estes quadros necessitavam de reformas em suas molduras, pois seriam expostos à curiosidade pública. E o artista executou o seu trabalho no tempo previsto e não precisou preocupar-se com clientela. Isto mostra o que vem a ser a qualidade do artista e o quanto a sua responsabilidade com a sua obra e com o público ao qual ele dedica seu trabalho. Sem desprezar o devido valor, que ele próprio, o artista, tem o amor pelo que faz e o que realmente lhe interessa é mostrar para o público a que ele destina essa arte.

7 O importante papel do embaixador como difusor da arte cultural do seu país

É muito importante salientar o papel que tem este mediador – o embaixador – seja qual for a sua origem, fundamental e importante como difusor das artes, em geral, no seu ofício. Claro que podemos acrescentar o quanto se faz necessário, também, uma boa pitada de amabilidade e criatividade neste posto.

Para os embaixadores, as relações pessoais são instrumentos importantes que lhes favoreçam, como arma secreta de seu saber experiente. Assim, podem obter bons contatos sobre a política cultural de seu país e de outros países, podendo difundir ainda a arte local, no país para o qual é designado.

Um grande exemplo pode ser Maria de Lourdes Faria Alves, que nasceu em Campanha, Minas Gerais. Casada pela primeira vez com Otavio Tarquínio de Souza, mas foi no seu segundo casamento, com o diplomata brasileiro Carlos Martins Pereira e Sousa, que ela ganhou destaque e visibilidade como escultora com obra reconhecida no Brasil e no exterior, devido ao poder de influência do marido.

Calábria (2013, p. 49) aponta que, quando Carlos Martins Pereira e Sousa foi nomeado embaixador dos Estados Unidos, seu papel não se restringiu apenas à poética visual. Ele possuía fascinante personalidade, levando por toda parte sua aparência contente. Sabia sempre conquistar relações pessoais que pudessem favorecer o seu trabalho como embaixador e também as suas relações com o Brasil e com outros países da Europa, na época.

Interessante também citar que João Guimarães Rosa, na época em que foi diplomata por concurso realizado em 1934, deixou muito clara a unidade de atitude – a integridade de postura – que o regia em todos os aspectos de sua vida. Levava todo o tempo informação e aproximação possível junto às suas relações internacionais, sociais e pessoais. Esta atitude básica, fundamental, integradora – do restaurador – é o que parece explicar tanto a sua profissão de diplomata quanto a de mediador. Guimarães Rosa aponta fielmente o “modelo” ideal, ao refletir a riqueza de suas várias “cópias” que formam o mundo. “A literatura tem que ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve”, afirmou Guimarães Rosa (1997, p. 57).

O escritor, portanto, – de minutas diplomáticas ou de literatura – é aquele que escreve. Por isto, deixa claro o autor quando cita:

[...] um diplomata é um sonhador e por isso pude exercer bem essa profissão. O diplomata acredita que pode remediar o que os políticos arruinaram. [...] e também por isso mesmo gosto muito de ser diplomata. [...], mas eu jamais poderia ser político com toda essa constante charlatanice da realidade (COUTINHO, 1983, p. 77).

Melo Neto (2003, p. 689), publica um ensaio intitulado “Joan Miró” na revisita as pinturas pré-renascentistas, lançando um olhar sobre a gênese da terceira arte. A partir destas considerações, João Cabral de Melo Neto afirmou, quando na Espanha, seguindo a sua carreira diplomática, conheceu Joan Miró, de quem já admirava a obra pictórica.

Em Memórias de Corumbá a Berlim, Calábria (2003) conta sua trajetória na carreira diplomática, seus amigos, conhecimentos travados, desventuras e algumas passagens pelas artes plásticas. Também fez questão de expor que seu grande mestre em matéria de arte foi, por sua vez, o diplomata Josias Carneiro Leão, que acompanhou em muitas visitas a museus, galerias e ateliês; Josias tinha sempre impressão de ficar feliz na companhia de um jovem aprendiz de feiticeiro. Então, existem recordações de homem extremado, sábio na leitura de artes em toda a sua extensão; Leão, como se sabe, chegou a possuir uma coleção de nível internacional, a maior coleção particular brasileira, seguramente.

O diplomata e poeta Robert A. D. Ford, chefe da Divisão da Europa do Ministério das Relações Exteriores no Canadá, casou-se com Teresa, brasileira do Rio de Janeiro, onde, na época, servira na embaixada canadense no Rio de Janeiro (1940). Profundo conhecedor da literatura e do idioma russo, Ford traduziu muitos dos grandes poetas dessa língua chegando a dedicar um livro de poesia seu a todos os poetas da Rússia, do passado e do presente. Juntos constituíram excelente coleção de quadros modernos, adquiridos em Paris e Berlim, quadros que venderam ao chegar à aposentadoria e, assim, puderam comprar um castelo.

Dessa maneira, fica posto o quanto o papel do embaixador é consagrado de tal forma, não só como informativo e circulante, assim como aproxima também, não só o artista, mas a cultura dos países que perpassam.

Considerações Finais

Diante do atual contexto internacional, as conclusões aqui tiradas estabeleceram a relação que a arte, num movimento globalizado, tem de forma lógica entre as ideias como

princípios desenvolvidos nas transações mundiais, buscando de forma reflexiva maior interação sobre os organismos mundiais.

Com os objetivos específicos, buscamos analisar o desempenho que a arte tem como objeto de estudo e de que forma ela se adequa nas relações internacionais; adotamos padrões de pesquisas que visavam buscar novas informações, sobre o contexto e o conhecimento da arte que enriqueçam o conteúdo pesquisado e permitimos, assim, maior acessibilidade às recentes informações coletadas referentes à forma de pensar a Arte.

Assim, para justificarmos o assunto estudado através das revisões literárias, chegamos às conclusões a serem apresentadas como proposta de esclarecer ainda mais o assunto, respondendo a todas as interrogativas que talvez não tenham ficado mais claras em estudos passados.

A pesquisa teve seu início com uma revisão de literatura, com ferramentas informacionais através de leituras aprofundadas em livros, artigos e outros meios que viabilizassem o processo da investigação e que facilitarão no conhecimento como instrumento sobre os aspectos centrais da temática, objetivando a ampliação do embasamento teórico sobre informação em arte.

Os dados analisados, bem como o método de amostragem, partiram de análises qualitativas através de um estudo de caso e análise de textos. Os procedimentos adotados buscaram seguir de forma lógica e clara, em sequência cronológica, a fim de que pudessem seguir de forma simples os passos da investigação.

Ficou claro o quanto é importante permitir um melhor acesso integralizado, da arte como cultura permanente entre as relações internacionais e que possibilitem, através dos meios globalizados em que nos encontramos adequar novas ferramentas que auxiliem esta mediação. A arte vem se tornando eficaz neste parâmetro como objeto transformador e de enlace entre culturas diversas pela facilidade que ela, vem conseguindo como permuta de objeto de aproximação e conhecimento.

Ficou possível observar, também, que existem outros vetores, como embaixadas, museus, galerias de arte e outros, como mecanismos de manifestações da arte e que são tão simbólicos quanto outros mais simples, por exemplo, espaços ao ar livre.

NOVAIS, J. M. S. A arte na aproximação das relações internacionais. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 53-69, Ilhéus – BA, nov. 2016.

Referências

ALBAGLI DE ALMEIDA, G. **Glossário de Termos Históricos, Técnicos e Formais**. Ilhéus, DLA/UESC, 2015.

ALBAGLI DE ALMEIDA, G. Informação Verbal. **Disciplina História da Arte (LTA-001)**, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2012.

ALMEIDA, M. C. B. de. **Por uma rearquitetura dos serviços de informação em arte da cidade de São Paulo**. São Paulo: USP, 1998. 364f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CALABRIA, M.. **Memórias**: de Corumbá a Berlim. Rio de Janeiro: Record, p. 49-91, 2003.

COUTINHO, E. de F., ROSA, J. G. (orgs.) **Civilização Brasileira**, Rio 1983.

IBGE. **Perfil dos municípios brasileiros**: cultura/2006. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

JOSÉ, A. M. de S. Dança contemporânea: um conceito possível? In: **Colóquio internacional “educação e contemporaneidade”**, São Cristóvão SE.: 5. 2011, Anais... São Cristóvão, SE: UFS, 2011.

LEITE, L. **Brasil e China celebram aproximação de ações culturais**. Assessoria de Comunicação – Ministério da Cultura, Brasília, 25 de junho de 2015. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticiasdestaques//asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/brasil-e-china-celebramaproximacao-de-aco-es-culturais/10883. Acesso em: 03 maio 2016.

LIMA, D. F. C. **Ciência da informação, museologia e fertilização interdisciplinar**: informação em arte, um novo campo do saber. Niterói: UFF, 2003. 358f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

MELO NETO, J. C. de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 689, 2003.

REVISTA ONLINE OPINIÃO E NOTÍCIA, São Paulo, 06 de outubro de 2015. **Caderno Cultura**, Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/mercado-de-arte-no-brasil-passa-por-uma-evolucao-diz-ft/>. Acesso em: 09 mar.2016.

PINHEIRO, L. V. R. Horizontes da informação em museus. **MAST Colloquia**, Rio de Janeiro, v.10, p.81-96, 2008.

ROSA, J. G. **Diplomatas – Brasil – Biografia I**. Fundação Alexandre de Gusmão. II. Título, ed. 2, 1997.

SOUSA, C. M. P. **Diplomata**; emb. bras. EUA 1939-1948; emb. bras. França, 1948.

NOVAIS, J. M. S. A arte na aproximação das relações internacionais. **C@LEA – Revista Cadernos de Aulas do LEA**, n. 5, p. 53-69, Ilhéus – BA, nov. 2016.

SOUSA, R. G. **Arte e História**. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/artes/a-arte-na-historia.htm>>. Acesso em 09 de março de 2016.

SOUZA, P. H. A. **Dança Contemporânea**: Percepção, Contradição e Aproximação, Centro de Educação Profissional em Artes Basil e França, Setor Leste Universitário: Goiânia, GO. pp. 1014-1015, 2013. DOI: 10.5216/rpp.v16i4.20245. Artigo aprovado em: 25 fev. 2013.